

VF, BP 10, 84440 Robion. (90) 717242

11/3/82

164 X

MV, Themag, Bela Cintra 986, 15°, CP 1449, 01415 SP.

Meu caro amigo Milton, passo agora a resposta de tuas cartas de 16 e 17/2. Criatividade em ciencia, tecnica e arte: Lamento muito voce ter recusado o convite do CNRS, por ser assunto que te interessa de perto, e por ser oportunidade de voce estar conosco. Reconsidere, e se nao, indique outra pessoa. Voce esta enganado se acredita que o esforco de "voltar para o renascimento", (teus termos), e coisa franceza na tradicao de Poincare: e coisa universal, muito acentuada nos EEUU. Se procuro definir "criatividade", (do ponto de vista informatico, ou psicologico, ou semantico, ou nao importa como), ja-
mais poderei distinguir categoricamente entre ciencia e arte. Por exemplo: o sistema newtoniano permite analise "estetica" que o colocara na visinhanca de Vivaldi ou Rembrandt, e o piano bem temperado de Bach permite analise "epistemologica" que o coloca na visinhanca de Leibnitz. Isto vale, a plus forte raison, para a criatividade tecnica: fiquei parado meia hora por baixo do Chrysler Building, para sorver o espirito da transicao do art nouveau para o Bauhaus, sem jamais me esquecer de estar contemplando uma "maravilha de tecnologia". Ou: quando procurei, (sem exito), analisar os hologramas novaiorquinos, vi-me exposto a tecnica avancada inspirada pelo minimal art e pelo pop, tanto quanto pelo estruturalismo e pela linguistica bostoniana. Pelo amor de Deus nao te firme nos teus preconceitos. Outro exemplo: vi, no Metropolitan, exposicao-monstro dos instrumentos paleoliticos, (40.000-10.000 a.C.), e vi que o "design" e sintese de vivencia, (aistheton), e conhecimento, (episteme). - Ontem, no CNRS, discutimos o "espirito do tempo". O do nosso tempo e precisamente tal tua "volta para o renascimento", o que nao implica "demolir toda a ciencia e tecnologia", (como voce diz), mas "supera-las dialecticamente". O problema da sociedade pos-industrial e precisamente dar sentido novo, ("Sinnggebung" de Husserl), ao saber e fazer modernos, por exemplo rompendo o ghetto das artes e fazer com que a criatividade artistica passe novamente a ser conscientemente elemento da pesquisa cientifica e do fazer tecnico, (porque inconscientemente ja deixou de se-lo). Por certo: Heidegger tem razao ao dizer que precisamos abolir Kant, Descartes e Aristoteles nesta ordem, mas "abolir" nao significa esquecer. Teu projeto de uma filosofia da tecnologia de dentro, (il ne faut pas rire des choses, mais dans les choses), deve necessariamente, sem que o queiras, situar-se em tal espirito do nosso tempo. Prazeiramente colaborarei contigo nisto, e peco-te de reler certos ensaios no meu "pos-historia" neste sentido. Minhas publicacoes: Recentemente tenho dificuldade de publicar em toda parte, hopefully nao por perda de qualidade, mas por serem minhas coisas de dificil catalogizacao tanto no assunto quanto na forma. Pe co-te de me ajudar nisto no campo brasileiro, ja perdi as relacoes necessarias para tanto, e continuo engajado na "conversacao brasileira". Neste sentido anexo "Nova York ou: Da super-abundancia", tambem para te dar ideia do impacto de tal viagem. Nossas divergencias: Que vivam, crescam e florescam, (Vivet, Crescat, Floreat e o lemdos Couleurstudenten, aos quais pertencia meu pai na Barussia, e dos quais conservou cicatriz no rosto). Que todas as guerras sejam como o e a nossa.

Abraços.

Criacao cientifica e artistica.

(Conferencia na Maison de la Culture, Chalon s/Saone, 26/3/82)

A crise da ciencia moderna, (Husserl), e no fundo crise do conhecimento moderno. A meta da ciencia moderna e conhecimento "objetivo". Tal meta vai se revelando inatingivel e indesejavel. Enquanto a meta for esta, a ciencia sera fonte preferencial de todo conhecimento. Todas as demais disciplinas, (arte, politica, filosofia, religiao) fornecem conhecimentos menos que objetivos. Esta a razao porque, durante a Idade moderna, todas essas disciplinas se esforçam, debalde, a se "cientifizarém". Mas, abandonada a meta da objetividade, todas as disciplinas passarão a ser fontes equivalentes de conhecimento. A equivalencia, e a complementaridade, do conhecimento científico e artistico sera o tema a ser discutido.

A ciencia moderna se inicia por reformulacao do conceito "teoria". Para os gregos, "teoria" e visao de formas "dadas", imutaveis: das ideias armazenadas no transcendente. Para os gregos "praxis" e a aplicacao das formas teoricamente vistas sobre as aparencias do mundo. Nao ha pois divorcio entre teoria e praxis, entre "episteme" e "techne". O "cientista" confia a forma vista por ele ao "artista", para que este a aplique. Que imprima a forma do sapato, vista pelo "cientista", sobre o couro. Nem ha divorcio entre "ciencia" e filosofia. As formas vistas sao sabedoria. Nem entre "ciencia" e religiao. As formas vistas sao os "deuses", (eternas).

Para a ciencia moderna, (a ciencia sensu stricto), "teoria" nao mais e visao de formas "dadas", mas criacao de formas "feitas". As formas deixam de ser "ideias", e passam a ser "modelos". A ciencia cria modelos, afim de captar as aparencias, explica-las e altera-las. Destarte surge dialectica entre forma e aparencia, teoria e observacao; teorias sao feitas para permitir a observacao, e observacoes sao feitas para permitir a elaboracao de novas teorias. Tal dialectica e o metodo da ciencia moderna. Sua extraordinaria dinamica se deve ao fato que observacoes sao feitas, nao para comprovar, mas para refutar teorias ja feitas. Destarte surgem sempre novas teorias. E a dinamica do "progresso", este conceito que nao tem sentido antes da Idade moderna.

Tal reformulacao de "teoria" tem por consequencia a tecnica: toda nova teoria exige nova praxis, (tecnica), e toda nova tecnica provoca nova teoria. E isto implica curiosa reformulacao do conceito "arte". Surge um tipo de praxis, jamais visto antes, que nao participa diretamente da dialectica "ciencia-tecnica", e que consiste na criacao de formas "esticas", isto e: vivenciadas. Tais formas nao tem valor epistemologico no significado científico do termo. Tal "arte moderna" e pois eliminada da correnteza do progresso, e, embora ideologicamente glorificada, e efetivamente expulsa da vida quotidiana e encerrada em ghetto. A funcao tradicional da arte, a de imprimir formas teoricas sobre as aparencias, e doravante assumida pela tecnica.

Simultaneamente vai sendo reformulado o conceito "filosofia". Se nao mais ha "formas imutaveis" a serem contempladas, a filosofia passa lentamente a mera teoria das teorias científicas, a metadiscurso de mais em mais abstrato. E quanto a religiao esta acaba sendo ou expressao de ideologias "pre-científicas", ou de preocupacoes existenciais, sobretudo da morte. Ainda falarei sobre o impacto da ciencia moderna sobre a politica, a etica, em suma sobre a vida quotidiana.

A teoria moderna, tal criação de modelos captadores das aparências, repousa sobre hipótese ontológica nem sempre claramente conscientizada. O homem seria capaz de transcender as aparências, vê-las de "fora", "objetivamente". Mas é preciso constatar que os modelos criados em tal transcendência tem a estrutura da raça humana: a da lógica e da matemática, e não são "transhumanos". Para poder dar o salto rumo a tal curiosa transcendência, o aprendiz de cientista deve passar por espécie de iniciação, espécie de catarse. Deve purificar-se de valores, sejam eles políticos e éticos, sejam estéticos, e conservar apenas a sua "raça pura". Destarte os modelos teóricos que ele vir a criar serão "conhecimento objetivo", isento de preconceitos. Conhecimento "wertfrei"=isento de valores. Os modelos da teoria científica serão "acima" da ética, da política, da arte, em suma "acima" do mundo que visam captar para conhecê-lo e alterá-lo.

A crise da ciência moderna é consequência de dupla crítica a tal hipótese ontológica nem sempre conscientizada. (1) Tal transcendência "objetiva" é impossível. Não importa o que o homem faz, inclusive quando conhece, o homem continua preso ao mundo. Isto é: preso aos valores. Os modelos da teoria científica não são isentos de valores, mas são modelos que se querem isentos de valores, portanto são, eles próprios, valores. Isto é: valorizam a "raça pura". Mais ainda: sobrevalorizam a raça "pura". O que fornecem não é "conhecimento transcendente, objetivo", mas conhecimento parcial, relativo a determinado ponto de vista. Por exemplo: peizados não caem "objetivamente" com aceleração geométrica, mas o fazem do ponto de vista ~~da raça estruturada matematicamente~~ da raça estruturada matematicamente. A objetividade não é atingível pelo homem. (2) Tal curiosa transcendência seria indesejável, se fosse possível. Cientistas não são superhomens, mas gente amputada dos valores, gente handicapada, infrahomens. Seu conhecimento extra-ético, extra-político, extra-estético, e na realidade conhecimento des-eticizado, despoliticizado, anestético, conhecimento truncado e portanto neste sentido falso. Leva a abstrações de mais em mais isento, não de valores, mas de sentido. O universo das ciências teóricas é de mais em mais universo "vasio", e as alterações operadas no mundo pela técnica são de mais em mais absurdas. Em outros termos: se a ciência e técnica funcionam, são infrahumanas, e se são humanas, não funcionam. Destarte a busca da objetividade vai se revelando simultaneamente erro e crime.

Quem diz que o homem está sempre no mundo, está dizendo que o homem está sempre com outros homens. Que tudo que vai conhecendo, vivenciando e valorizando e conhecido, vivenciado e valorizado graças a outros, em conjunto com outros, e para outros. Até os conhecimentos, vivências e valores aparentemente mais solitários. O conhecimento científico se quer conhecimento transcendente, do tipo de um deus solitário que tem visão objetiva. Se tal conhecimento for possível, (o que não é o caso), seria conhecimento absurdo. Todo conhecimento humano, para ser conhecimento, deve ser intersubjetivo. A objetividade e a subjetividade, (ciência e arte no significado moderno dos termos), não passam de horizontes abstratos da relação concreta que é o conhecimento intersubjetivo. Em outros termos: todo conhecimento é concretamente político, e a ciência e arte modernas não passam de duas avenidas de acesso a tal concreticidade. Ciência e arte se concretizam politicamente.

A politica e o campo concreto de interrelacoes humanas no qual ciencia e arte, (objetividade e subjetividade), se sobrepoem uma a outra afim de produzirem conhecimento concreto, intersubjetivo. Portanto politica nao e nem ciencia, nem arte, mas e ambas as coisas e mais que ambas as coisas. O divorcio entre ciencia e arte, tao caracteristico da modernidade, destruiu o campo politico, tal qual existiu na Idade media e na Antiquidade. A ciencia moderna despolitizou a vida com sua pretensa objetividade, e a arte moderna com sua (menos pretensa), subjetividade. O que restou no espaco politico sao teorias pseudo-cientificas e expressoes de emocoes pseudo-esteticas, portanto politica em sentido perigosamente sub-humano. A politica em seu significado plenamente humano, (a polis classica e a catolicidade medieval), se perdeu. Perdeu-se o sentido da co-vivencia, do co-conhecimento, da co-valorizacao, em suma: o sentido da vida.

A tendencia atual na Europa e nos Estados Unidos de ultrapassar o divorcio entre a ciencia e a arte nao e pois mero engajamento epistemologico e estetico, mas engajamento em nova sociedade. Nao apenas tentativa de ultrapassar a crise da ciencia e da arte, mas tambem a crise da sociedade. Libertar a arte do seu ghetto e fazer com que substitua a tecnica, e libertar a ciencia da sua crise epistemologica ao abri-la ao momento estetico, e tambem e sobretudo libertar a sociedade do perigo da tecnocracia, e abrir campo para novas formas politicas insuspeitas.

Nao discutirei o termo nebuloso "criacao", mas lembrarei o approach informatico que sugere que informacao nova e criada por introducao de ruidos em informacoes redundantes. Isto e: o novo e criado ao se abrir o velho para o nao-ainda-articulado. Neste sentido nao ha diferenca entre criacao em ciencia e em arte. Os cientistas sempre se tem aberto para vivencias nao-articuladas, e os artistas para conhecimentos nao-articulados. Toda criacao cientifica e "obra de arte", toda artistica "articulacao de conhecimento". Por exemplo: e facil mostrar a vivencia barroca no sistema de Newton, a romantica no sistema de Darwin, a geometria perspectivista nas pinturas renascentistas, e a matematica dos conjuntos na composicao de Schoenberg. O que e preciso fazer e levar ao nivel da consciencia tal ligacao subterranea que sempre tem unido ciencia e arte. Tal ligacao ininterrupta entre vivencia e conhecimento deve ser conscientizada, se quisermos ter vivencias e conhecimentos plenamente humanos, isto e: politicos, intersubjetivos.

Romper a barreira entre ciencia e arte, fazer com que as faculdades cientificas e as escolas de arte se confundam, significa abolir a tecnica no sentido moderno. Tecnica sera novamente sinonimo de arte, como o foi antes da Idade moderna, tecnologia sera sinonimo de estetica, e o perigo da tecnocracia tera sido conjurado. Porque a criacao de novas formas, e sua aplicacao ao mundo, voltara a ser o que sempre tem sido antes da Idade moderna: criacao e aplicacao de formas vivenciadas, conhecidas e valorizadas. Quando os tecnicos serao artistas e os artistas tecnicos, o discurso cientifico passara a ser informado pelas vivencias, o fazer artistico pelas teorias cientificas, e tudo, teoria e praxis, serao informados pelos valores etico-politicos da sociedade, como o era antes da Idade moderna. O ideal platonico da verdade enquanto kalokagathia, o ideal romano do "pulchre, bene, recte", adquirira sua validez, e o atual clima do absurdo da vida tera sido superado.

A utopia que acabo de esboçar parece estar ao alcance. Os cientistas se tornam de mais em mais conscientes do seu problema epistemológico que é o fato de "descobrirem" no fundo das aparências apenas as estruturas da sua própria raça, as quais para lá projetaram. Os técnicos sofrem de mais em mais de consciência da sua responsabilidade política, e começam a fazer face a isto. Os artistas se sentem de mais em mais expulsos da sociedade, e sabem que são desempregados natos. E a cena política revela de mais em mais o perigo de uma tecnocratização subhumana. De maneira que tudo parece apontar a solução da crise: síntese de ciência e arte sob o signo da política, e superação da técnica por ciência informada pela arte, e arte cientificada. No entanto, tal otimismo seria prematuro. Inúmeros preconceitos dos cientistas, técnicos, artistas e políticos, e inúmeros interesses "investidos" obstam o caminho: o velho se defende do novo. O propósito desta conferência é precisamente de contribuir para a conscientização do problema.

17/3/82

Meu caro Milton: isto como contribuição para a tua "filosofia da tecnologia"
Abraços.